



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 9, v. I | maio.-out. 2018

p. 192-213.

No entre-lugar da criança (des)viada e (des)avisada: A língua afiada corta e nos faz criançar

Alexsandro Rodrigues¹

Davis Moreira Alvim²

Jésio Zamboni³

Castiel Vitorino Brasileiro⁴

Pablo Cardozo Rocon⁵

Steferson Zanoni Roseiro⁶

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo produzir problematizações e deslocamentos nas palavras, imagens e narrativas sobre criança e infância. Usa-se aqui, como efeito de escrita e de afirmação de línguas e corpos babélicos, brincar com as palavras (des)viada e (des)avisada como meio de produção de desconforto na identidade-criança, no dispositivo da infância e, em suas redes de interdependência. O artigo em tela se alia a perspectivas teóricas, metodológicas e políticas profanadoras da identidade e do conforto dos discursos que desejam a mesmidade da identidade-criança como garantia de um mundo adultizado e conformado com o sempre igual. Por isso, as apostas aqui feitas no entre-lugar dos tensionamento com o já sabido nos ajudam melhor a compreender as (des)aprendizagens possíveis diante da presença da criança (des)viada e (des)avisada, em sua capacidade de fronteirar campos existenciais em um já saindo. Nos valem de um conto sobre crianças fujonas na intenção de colocar em cena outros híbridos modos de existir no fora-meio-dentro da planificação das instituições de sequestro. O artigo intenciona provocar o riso, o desconforto e colocar sob suspeita o que sabemos sobre nós, sobre a criança e a infância (des)viada e (des)avisada, que em seus exercícios criativos e resistentes com o corpo, com o outro, com gênero e sexualidade e não só, afirmam a vida com um convite ao direito de nos permitir criançar.

PALAVRAS-CHAVE: criança; infância; (des)viada; (des)avisada; alteridade.

Abstract: This paper aims to produce problematizations and displacements in words, images and narratives about children and childhood. As an effect of writing and affirmation of languages and Babel bodies, this text plays with

¹ Doutor em Educação e professor do Departamento de Teorias e Práticas Educacionais e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: xela_alex@bol.com.br

² Doutor em Filosofia e professor do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGHUM - IFES). Professor Colaborador do Programa de Psicologia Institucional (PPGPSI - UFES). E-mail: davisalvim@hotmail.com

³ Doutor em Educação e professor colaborador Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: jesiozamboni@gmail.com

⁴ Aluno do bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: castielvitorinob@gmail.com

⁵ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: pablocardoz@gmail.com

⁶ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: dinno-sauro@hotmail.com

Recebido em 16/02/18

Aceito em 26/03/18

words, *(des)viadas* and *(des)avisadas* (which in Portuguese mean *deviated/queer*, and *unaware/warned*), as a means of producing discomfort on child-identity, in the device of childhood and in their interdependence networks. The paper combines theoretical, methodological and political perspectives that defile the identity and the comfort of the discourses that desire the sameness of the child-identity as a warranty of adultized world conformed to the ever-same. Therefore, the bets made here, in the inter-place of the tensions with what is already known, help us to better understand the possible (un)learning in the face of the presence of the deviated and unaware child, in their ability to border existential fields in an already-leaving stance. We rely on a tale about fleeing children with the intention of bringing upstage other hybrid ways of existing in the outside-middle-within of the planning of kidnapping institutions. The article intends to provoke laughter, discomfort and to put under suspicion what we know about ourselves, about the child and deviated/queer and unaware/warned childhood, that in their creative and resistant exercises with the body, with the other, with gender and sexuality and even further aspects, affirm life with an invitation to the right of allowing us *to child*.

Keywords: child, childhood, deviated, queer, otherness.

Resumén: El presente artículo tiene por objetivo producir problematizaciones y desplazamientos en las palabras, imágenes y narrativas sobre niñez e infancia. Aquí se usa, como efecto de escrita y de afirmación de lenguas y cuerpos babilónicos, jugar con las palabras *(des)viada* y *(des)avisada* como medio de producción de incomodidades en la identidad-niñez, en el dispositivo de la infancia y, en sus redes de interdependencia. El artículo en cuestión se alía a perspectivas teóricas, metodológicas y políticas profanadoras de la identidad y de la comodidad de los discursos que desean la mismidad de la identidad-niñez como garantía de un mundo adulto y conforme con lo mismo de siempre. Por eso, las apuestas hechas aquí en el entre-lugar de los tensionamientos con lo ya sabido nos ayudan para comprender mejor los *(des)aprendizajes* posibles ante la presencia de una niñez *(des)viada* y *(des)avisada*, en su capacidad de fronterizar campos existenciales en un *já saliendo*. Nos valemos de un cuento sobre criaturas fujonas en la intención de colocar en escena otros modos híbridos de existir en el fuera-medio-dentro de la planificación en las instituciones de secuestro. El artículo tiene la intención de provocar risas, incomodidades y colocar en sospecha lo que sabemos sobre nosotros, sobre la niñez y la infancia *(des)viada* y *(des)avisada*, que en sus ejercicios creativos y resistentes con el cuerpo, con el otro, con género y sexualidad y no solamente, afirman la vida con una invitación al derecho de permitírnos anañar.

Palabras clave: niñes; infância; *(des)viada*; *(des)avisada*; alteridad.



Talvez nós (...) não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrendo de novo as ruínas de nossa biblioteca para recolher as palavras que falem para nós. (LARROSA, 2017, p.30).

Começamos a escrita deste artigo de uma maneira emburacada e deslizante. Não almejamos ser convencionais, gostamos de emburacar a solidez dos conhecimentos e de deslizar entre as fronteiras do que sempre nos pareceu aí estar: a criança e a infância! Somos movidos por nossa curiosidade e pelo desejo de fazer as palavras “criança” e “infância” soarem de forma não assimilável e nada familiar em nosso exercício de escrita e, quem sabe, para os que conosco desejarem nossa companhia, fazer a língua (des)avisada tremer e babelizar. Fica um aviso: falaremos em outras línguas, não porque sabemos, mas porque, abertos ao outro e as forças babélicas⁷ nas imagens da criança que nos interessa, que nos faz cócegas e nos convoca a deslocamentos como viagens em suas e em nossas metamorfoses. Nessa viagem como brincadeira, nada inocente em que se toca o corpo, no encontro com o outro, alvo de cócegas, nossos corpos se relacionam, irritam, tremem e riem. Nessa brincadeira, não existe dominação, ganhadores e perdedores – a brincadeira como viagem acontece se abertos estivermos a presença do outro, a descolonização de nossos corpos e a hibridizações dos acontecimentos.

O corpo, nessa brincadeira de criança, torna-se território a ser descolonizado e, experimentado. Nessa brincadeira arisca de tatear a fraqueza dos corpos (uns com os outros) diante do toque, produzimos, entre-corpos: um lugar comum. E, em risadas que pedem a presença do outro como surpresa nesse território que nada sabemos -, nossos corpos, na intensidade e na temporalidade da brincadeira, se permite a vaga-bundiar⁸ - ir. Com nossos corpos metamorfoseadas com o outro, faremos viagens com direito a desvio das rotas, abertas pelos acontecimentos e encontros com as crianças e a infância que nos interpelam nessa conversa criancieira.

⁷ Para Carlos Skliar (2003, p. 57-58), Babel representa o mito da perda de algo que nunca tivemos: uma cidade, uma língua, uma terra, uma identidade, uma comunidade. Por isso, depois de Babel estamos exilados de nossa pátria, de nossa língua, de nossa terra, de nosso nome, de nosso mundo. O relato de Babel pode nomear tudo o que é estrangeiro, a condição humana como estrangeiridade. E com isso pode contribuir para reformular um velho motivo, o da própria existência como exílio, mas agora mais radicalmente: como um exílio constitutivo, inevitável, sem remédio.

⁸ Diferente do estrangeiro, quem chega de repente e logo se estabelece, vagabundos permite construir uma configuração diferente da temporalidade; vagar, ir de um lado a outro sem destino certo ou rumo fixo, transitar, passar à distância etc. Não existe aqui nem chegada nem estabelecimento. Também não existe linearidade e/ou circularidade. Vagabundeia-se não pelo tempo, mas através dele. (SKLIAR, 2003, p. 59)



Na estrangeiridade de corpos, línguas e pátrias que fronteiramos vagabundamente, faremos buracos nas narrativas da identidade-criança⁹ que aqui comparecerem como estátua. Identidade, assume neste artigo o sentido de *mesmidade* defendido por Carlos Skliar (2003, p.46), quando ele nos diz “que a mesmidade reserva para si o direito ao que é, o direito ao ser, ao mesmo tempo em que se arroga a virtude de enunciar o outro naquilo que não se é e ou que se é só em parte, ou que não se é completamente”. A mesmidade, assim como a identidade-criança, não gostam de buracos sem fundo, coisas do fim do mundo e da presença da criança (des)avisada e (des)viada diante das instituições da infância e da identidade-criança. Por criança (des)avisada e (des)viada, convocamos o brilho das imagens das crianças que fomos, somos, as que nunca fomos e nunca seremos em suas traquinagens com o outro, como outro, com o corpo em suas maleabilidades em fazer a terra tremer mediante as expectativas de gênero e sexualidade. Crianças des(avisadas) e (des)viadas comparecem como memória de práticas crianceiras, que em atos experimentativos de si com o outro e como outro, dizem sonoros não, àquilo, que a nós, se apresenta como familiar, ou seja criança e as instituições de sequestro. As crianças (des)avisadas e (des)viadas em seus deslizamentos entre gênero e sexualidade, mas, não só, nos inspiram por afirmar em suas práticas a fragilidade do poder em seu desejo hospitaleiro por aquilo que se mostra em sua/nossa diferença. Por isso, contrariando a perspectiva da hospitalidade colonizadora do que se mostra assimilável diante da presença do outro na criança, faremos buracos com as nossas crianças (des)avisadas e (des)viadas e não escavações com o que se supõe sobre elas saber e do que delas se falam, escrevem, preconizam e ajuízam. Jorge Larrosa (2017, p.232) a esse respeito nos lembra que a criança, “(...) como um outro não é o objeto (ou objetivo) do saber, mas é algo que escapa a qualquer objetivação e que se desvia de qualquer objetivo: não é o ponto de fixação do poder, mas aquilo que marca sua linha de declínio, seu limite exterior, sua absoluta impotência (...)”.

As escavações sobre a identidade-criança e da infância preservada buscam em sua obsessão pela ordem: as origens históricas - cindindo: tempo, espaço e narrativas sobre sua conformação. Mais do que isso, as escavações buscam preservar seus achados e contar histórias de declínio de um povo, de uma língua, de uma raça, de uma sociedade com a língua e localização do descobridor/colonizador/escavador. As escavações sobre a identidade-criança e infância buscam contar histórias das performances dos vencedores e daqueles que dominam as técnicas e conhecimentos para melhor manipular seus achados e os nossos desejos de tornar a criança (des)viada e (des)avisada figura de um possível sempre igual a preservar o futuro. Por isso não

⁹ Uso do hífen, tem sido uma possibilidade aberta aos estudos dos cotidianos com o objetivo de nos ajudar a fazer com que a palavra, uma palavra, mais que uma, diga outras coisas além das já habituais.



escavaremos, não queremos aqui nada preservar. Faremos buracos rasos, à flor da pele, objetivando simplesmente levantar a poeira que se assenta sobre esses conhecimentos e, quem sabe, produzir algumas rachaduras, ranhuras, fissuras, tremuras e estrias no que supomos já saber sobre a criança e infância. Não preservaremos nada e não seremos poupados.

Queremos nos pôr a falar com línguas babélicas, demoníacas, despatrializadas e exiladas. Algumas companhias aqui se fazem importantes naquilo que potencializam os encontros. René Schérer e Guy Hocquenghem (2016) chegam neste artigo com o que eles nos disseram das crianças fujonas, de sequestros, daquelas que sonham com o rapto e dos protetores autorizados a estar com a criança. Queremos continuar a produzir encontros conversantes com a língua afiada de Jorge Larrosa (2017), que nos ajuda a desejar a criança na sua relação com a experiência, com o nascimento, novidade e alteridade. Queremos nos hibridizar, performar com mímica e transitar nas fronteiras de nós mesmos com Homi Bhabha (1998). Queremos, porque provocados, continuar nossa conversa com Carlos Skliar (2003), no que ele nos convida a pensar a mesmidade, o outro e a diferença. Queremos, por que não somos santas e nem santos, a companhia (des)viada e (des)avisada de muitos outros. E, eles atraídos pela criança, serão muito bem-vindos! Skliar (2003) nos convoca no título de sua obra: “E se o outro não estivesse aí?” Nós, em seus rastros, nos perguntamos: E se a criança (des)viada e (des)avisada não estivesse aí?

Esses companheiros malditos e profanadores da identidade, movidos por questões irruptivas que os tocam e os fazem deslocar em momentos singulares e contextuais de suas vidas, nos inspiram a tramar nossa vagabundagem com a criança (des)viada e (des)avisada nessa caminhada para o fora. Nos parece que as intervenções desses interlocutores até aqui anunciados tem muito a nos dizer sobre a nossa necessidade de continuarmos perplexos com as nossas incompreensões da criança que somos e das muitas que não ousamos, porque inomináveis, (des)viadas e (des)avisadas, delas e com elas falar/narrar/escrever e ler. Aqui nossa intenção é emburacar, profanar, fabular, narrar, (des)viar, vadiar, fazer cócegas em nossas certezas e, quem sabe, com um pouquinho de sorte, deixar para depois, jogar para fora, para mais distante.

Somos, na força do “estar sendo” criança, (des)viantes e (des)avisados! “O estar sendo é um acontecimento da alteridade que retira de nossas bocas as palavras habituais, as frases precisas, a gramaticalidade correta” (SKLIAR, 2003, p.47). As palavras “crianças” e “infâncias”, que perseguimos como forma de compreensão do que *estamos sendo*, se alinham às concepções problematizadas por Jorge Larrosa (2017). O autor pensa a criança como nascimento, alteridade,



radicalidade, heterogeneidade, diferença, enigma, aparecimento, comparecimento, aquilo que interrompe o que sabemos e já pensamos, e diz: “(...) quando uma criança nasce, um outro aparece entre nós. (...) Por isso, o nascimento não é um momento que se possa situar numa cronologia, mas aquilo que interrompe toda cronologia” (LARROSA, 2017, 234). Por amar, desejar, respeitar e também sonhar com a criança como irrupção, a criança desprovida das redes de saberes da infância, da história linear da puericultura e de desenvolvimento, precisamos prestar atenção quando diante de nós, ela, em sua alteridade se apresenta, aparece, comparece e (des)aparece. A criança fora da identidade-criança não para de aparecer como alteridade e, como alteridade, escapa e vai! René Schérer e Guy Hocquenghem (2016) nos ajudam a melhor a compreender a raridade da criança, de uma criança. E dizem:

As crianças estão cada vez mais raras. Não porque venham ocorrendo menos nascimentos – disso aliás, há sempre o suficiente -, mas porque, com elas já não se convive quase nada. (...) Em primeiro lugar, é preciso buscar e definir a criança a partir da rede de dependências e interditos dos quais diferentes formas de captura – afetivas, educativas – se exercem. Não são os traços psicológicos, inerentes à natureza em si, que caracterizam de antemão à criança, mas a textura da rede e o jogo de forças que, desde o interior, assegura seu equilíbrio. (...) Faça o que fizer, a criança está dentro. Ser criança é, inevitavelmente, “ficar dentro” e se definir a partir daí: a casa, a escola, toda ordem de empreendimentos destinados ao seu lazer. Uma criança de fora é algo difícil de se imaginar, e supô-lo já é transportar o limite que oscila entre o subversivo e o excêntrico. (...) é verdade que a criança do fora, isto é vivendo fora de qualquer rede familiar, escolar, de vigilância em geral é completamente inimaginável, pois não encontramos em parte alguma. (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, p. 203-204)

Não encontramos uma criança nesses lugares institucionais e em suas redes interdependentes. Ela só pode ser encontrada no entre-lugar, como nos ensina Homi Bhabha (1998). Ela só pode ser encontrada onde se faz presente, nas fronteiras, nos caminhos de passagens, vagabundeando, em movimentos desgovernados e, quando, a partir de um vacilo de seu protetor¹⁰, se soltam das mãos do adulto e das identidades-crianças que as prendem nas instituições de sequestros inventadas como tentativa de contenção de sua alteridade. Os autores que até aqui compareceram com suas narrativas que problematizam nossas obsessões pela mesmidade, nos ajudam a compreender que a identidade-criança conhecida com os dispositivos da infância por nós já capturado é resultado *in* aberto de

¹⁰ “Nós somos vítimas de uma ilusão invencível, historicamente produzida, que provém de termos sido lentamente acostumados à apropriação familiar da criança. Ela foi progressivamente despojada do que lhe permite existir como ser social para tornar-se bem privado. Mas sabemos que esta apropriação – esse estado de coisas dito natural -, é, de fato, resultado de uma violência primeira, que por sua recorrência massiva em nossa sociedade, só pode chegar a ser tolerada por uma inveterada denegação: é preciso que a criança jamais seja raptada ou destruída para garantir seu remodelamento pelo Capital, atribuída a uma família responsável, para que as instituições estatais possam nela se manifestar como resultado do lento desenvolvimento de uma progresso “para seu bem”, de tal maneira que o rapto seja convertido em perigo social.” (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, 180)



relações de saberes e poderes que a produz. Nessas relações de saberes e poderes, não se produz somente a identidade-criança, produz junto, uma ideia de família e essa será a guardiã fiel do desejo do capital e das forças fascistas que conectam em seu extermínio e infanticídio. Instituições de sequestros as mais diversas (família, igreja, escola, novelas infantis, pedagogia, medicina, psicologia, psicanálise e tantas outras) formaram a rede que darão sustentação a imagem cristalizada que temos sobre essa criança. Mas, esses mesmos autores não vão tomar as crianças como alvo inerte do poder. Eles falam de resistências, de astúcias e capacidade de produzir mímicas e de ironizar o mundo dos adultos em suas trapaças. Nessa direção Schérer e Hocquenghem (2016, p.190), pensando as resistências das crianças, nos apresentam um tanto de suas artistagens.

Se há uma estratégia da infância, ela consiste, por sua vez, em jogar a carta da cumplicidade contra a grande cumplicidade adulta dirigida contra a criança. Posicionar-se no entrecruzamento de diferentes discursos, trazer à tona os pressupostos e não ditos que a conjuram, aí está sua maneira de não ser trapaceada. As crianças podem se fazer de tolas para contrariar os outros, podem também se aproveitar, no instante de sua fuga, da mão que à ocasião um adulto lhe estenda. Mas não sejamos ingênuos, elas jamais estão onde buscamos; à infância é a arte de se manter sempre fora de alcance, de confundir a lógica adulta pela rapidez de seus deslocamentos. À maneira de um rascunho ou de um esboço, a criança é permanentemente arrancada de cada uma das intervenções que a circunscrevem. O essencial é saber colocar na posição precisa para recolhê-la.

Como bem sugere Homi Bhabha (1998), as crianças só podem ser encontradas e acolhidas em seus deslizamentos, nas astúcias, mímicas e nas narrativas de crianças, quando em processos de liberdade se põe a narrar sobre si. Acolhimento aqui está longe do desejo de hospitalidade do colonizador, acolhimento aqui se faz na abertura ao outro, ao nascimento, a novidade. É no movimento, deslizamento que elas se tornam presentes. É na fronteira, no entre-lugar que elas se posicionam em suas ambivalências, presenças já saindo como lampejos de espaços e tempos hibridizados. É lá, no fora, nas margens, nas bordas, onde não as procuramos que elas se encontram. E é por isso que “a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente (...)” (Idem, p.23).

No entre-lugar de um encontro irônico com os saberes colonizadores do adulto: a camuflagem como arte da criança (des)viada e (des)avisada

Continuaremos a escrita deste artigo de forma emburacada, vacilando entre o subversivo e o excêntrico, mas não com o exótico, muito menos buscando a criança (des)viada e (des)avisada como alvo/objeto a ser assimilado e incluído. As crianças que gostamos de ser/sendo, as que



permitimos nascer são híbridas de tempos e espaços, em seus mistérios: se mostram como presenças e diferenças! Skliar (2003, p. 140), ao pensar o outro em sua presença, nos dizer que: “a irrupção do outro é uma diferença, que nos difere e que se difere sempre de si mesma. Um outro inalcançável, irreduzível, efêmero em seu nome e em seu significado, inabordável, que se distancia em seu mistério, com seu mistério”. A criança que nos interessa acontece em jogos de memórias e rememoração. Mas não só! Elas rondam o mundo do adulto como ameaça. Seu mistério é o fantasma que acompanha o adulto. Por isso, por medo desse mistério que ameaça a seguridade do mundo da ordem dos adultos, não as deixam nascer. Matamos todos os dias as crianças, pelo simples fato de sabermos que o novo com elas pode acontecer.

Alertamos mais uma vez aos leitores das costumeiras narrativas sobre “crianças” e “infância” do perigo desta leitura. Mas, se sentiu desafiado e se gosta, assim como nós, de correr riscos, seja bem-vindo. Vem, a ti oferecemos balas e doces. Leia-nos, se esse for seu desejo criando-se e, se possível, brinque e zombe com a gente e da gente. Não nos leve a sério. Não precisa! A seriedade nós torna ranzinzas e nos adultiza no conforto da narrativa. Estamos aqui, desejosos de companhias criancieiras e brincantes, pois, como já dissemos anteriormente, nossa intenção é de brincarmos com palavras, com narrativas, memórias e com os modos de nos contarmos. Se nos assumimos babélicos é porque também acreditamos que “toda escritura, contém vestígios das palavras e histórias recebidas”. (LARROSA, 2017, 36). Nossas histórias, histórias das crianças (des)viadas e (des)avisadas, das crianças híbridas e (des)avisadas não podem ser contadas no conforto das palavras que dominamos e as incluímos como sendo nossas. A única coisa que podemos fazer com raridade das histórias dessas crianças é nos valermos da ironia e do riso como forma de profanação e de dessacralização das narrativas sobre a identidade-criança. Contá-las, aos modos de quem conta uma outra versão de uma história é um desafio criancieiro, coisas de vagabundos, vaga-mundos. Nas traquinagens das crianças que não foram colonizadas, porque escapam, zombam, jogam com mímicas e hibridizam, é que deslizamos na planificação do conforto das histórias monológicas que fazem o “boi dormir” e a criança rir da babaquice do adulto que a conta. Sobre a mímica e a sua ambivalência, Homi Bhabha (1998) oferece a seguinte explicação:

(...) a mímica representa um acordo irônico (...). (...) o discurso da mímica é construído em torno da ambivalência, para ser mais eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença. (...) O efeito da mímica sobre a autoridade colonial é profundo e perturbador. (...) a mímica passa a ser simultaneamente semelhança e ameaça. Sob o disfarce da camuflagem, a mímica, (...) reavalia os saberes normativos da prioridade da raça, da escrita, da história, (...). De



modo semelhante, a mímica rearticula a presença em termos de sua “alteridade”, exatamente aquilo que ela recusa. (p. 131-137)

A mímica e a camuflagem permitem as crianças reavaliar os saberes que buscam conformá-las no espelho da mesmidade. As crianças (des)viadas e (des)avisadas, incessantemente, em práticas de liberdade, jogam com o outro e fazem viva a fragilidade do adulto frente a sua presença e seu mistério. Usam máscaras! Assim, diferença e semelhança lhe são companhias permanentes. São sempre mais que um e menos que dois. As crianças mascaradas entram em relações de poder com os saberes do adulto e desestabilizam a pedagogia familiar, instituições de sequestros e as redes de interdependências. Mobilizam, ao sabor da ocasião, tempo-espço e oportunidades. No entre-lugar do aqui-agora, com suas híbridas presenças, forasteiramente, ocupam. Ocupando e já saindo, amedrontam a mesmidade com a sua presença-diferença-semelhança. As crianças, esses seres que nada sabemos, ameaçam em seu mistério e monstruosidade!

O artigo em tela não busca ser original em nenhuma de suas linhas! Não temos essa pretensão. Ainda que apostemos na novidade da criança, estamos contaminadas por muitas narrativas embichadas. Babelicamente somos interpelados e subjetivados por narrativas e imagens. Somos muitas crianças aqui. Principalmente aquelas que puderam como lampejos nascer e sobreviver as forças de Herodes. O infanticídio da novidade no contemporâneo está biopoliticamente distribuído como desejo de morte na população. Não temos dificuldade em vê-los circulando por aí, aqui e acolá! Em tempos de apego a mesmidade, em que a vida vale pouco, e algumas, quase nada, não podemos esquecer desse personagem e sua gana de poder. Por que Herodes, esse personagem bíblico e das narrativas cristãs, por muitos desconhecido e sem importância aparece nesse texto? Quem vai nos responder a essa pergunta é Jorge Larrosa, em diálogo com Hannah Arendt, ao dizer:

A necessidade do terror nasce do medo de que, com o nascimento de cada ser humano, um novo começo se eleva e faça ouvir uma voz no mundo”. Se voltarmos ao nascimento de Belém como modelo de todo nascimento, o terror estaria encarnado no infanticídio de Herodes. Herodes quer controlar o futuro e tem medo de que o nascimento de algo novo ponha em perigo a continuidade do seu mundo. Daí o ato totalitário por excelência: matar as crianças, para eliminar do mundo a novidade que poderia ameaça-lo. (...) Tanto a pretensão de manter a continuidade do mundo quanto a pretensão de sua transformação radical exigem, no limite, um mesmo tributo de sangue infantil. E ambas as pretensões, igualmente totalitárias, exigem também a destruição da novidade da infância, porque ambas repugna a ideia de um porvir virgem, incerto e desconhecido. (...) Todas as formas de totalitarismo, todos os rostos de Herodes têm uma coisa em comum: sufocar o enigma ontológico do novo que vem



ao mundo, ocultar a inquietação que todo nascimento produz, eliminar a incerteza de um porvir aberto e indefinido, submeter a alteridade da infância à lógica implacável de nosso mundo, converter as crianças numa projeção de nossos desejos, de nossas ideias e de nossos projetos. As crianças podem ser vistas como uma ameaça indiferenciada que tem de ser destruída; podem ser tomadas como a encarnação de uma Raça, de uma Classe ou de um Povo (...). (LARROSA, 2017, p. 237-240)

Herodes se faz presente na política de extermínio. Herodes se faz presente no infanticídio da diferença, no extermínio de uma população, nas políticas sexistas e todas as vezes que o acontecer da vida como novidade seja dificultado pelo desejo de morte e ou da mesmidade! Somos, neste artigo, Jorge Larrosa (2017), René Scherer e Guy Hocquenghem (2016), Carlos Skliar (2003), Homi Bhabha (1998) e Dona Nega e suas crianças fujonas. Não tenha pressa, Dona Nega e suas crianças fujonas brevemente lhes serão apresentados e conosco escreverão este texto. Esses interlocutores como multidão povoam nossos corpos despatrializados, trazendo, com suas presenças, palavras/pensamentos que nos fazem tremer. Suas presenças em fronteiras negociam conosco palavras forças, com elas hibridizamos e fazemos provisórias alianças. A provisoriedade aqui não acontece por falta de lealdade. Uma lufada de brisa, uma palavra macia, uma ranhura, um tremor, um caminho desconhecido... lá vamos nós saltitantes a ver e ouvir a banda passar e, se pudermos, entramos na cantoria e na dança e nos deixamos metamorfosear com o outro. Na presença do outro sempre um outro, não fazemos corpo mole, temos vento nos pés. Vamos. Jorge Larrosa (2017, p.55) nos convida a vivermos a contradição nos usos das palavras e nos alerta para o fato em que: “somente o combate das palavras ainda não ditas contra as palavras já ditas permite a ruptura do horizonte dado, permite que o sujeito se invente de outra maneira, que seja outro”. Estamos aqui com nossos corpos lamiados, com as línguas afiadas porque somos babélicos e com nossos buracos do corpo todos abertos para a acolhermos a irrupção do outro em nós, nossas diferenças, temporalidades, espacialidades e palavras.

Nos discursos confortáveis da hospitalidade que produzem crianças moduladas pelos dispositivos da infância pelas instituições de sequestro, o outro, o estranho, o estrangeiro é algo que se ensina que devemos manter certa distância. E por que se há de querer essa distância? Quem responde a essa pergunta é Carlos Skliar (2003, p.121). Ele vai nos dizer que:

O outro só é outro se puder ser capaz de mostra-me, claro que sempre a uma distância prudente (inclusive aquela distância que separa a vida da morte), quem somos nós e quais ajustes devemos fazermos para parecermos, cada vez mais, nós mesmo. O outro é um outro que não queremos ser, que odiamos e maltratamos, que separamos e isolamos, que profanamos e ultrajamos, mas que utilizamos para fazermos de nossa identidade algo mais confiável, mais estável, mais seguro; é o outro que tende



a produzir uma sensação de alívio diante de sua invocação – e também diante de seu mero desaparecimento; é um jogo – doloroso e trágico – de presença e ausência.

O outro em nós é potência comum, por isso não buscamos com Jorge Larrosa, Carlos Skliar, Homi Bhabha, René Schérer e Guy Hocquenghem, crianças com as quais aliançamos profanações, ensinar nada a ninguém e muito menos convencer a alguém, algo de extrema grandeza e ou chegar a algum lugar. Lugares, isso não nos pertence. Gostamos das pontes, das margens e das fronteiras. Neste texto, nossa presença tem sido um já saindo, partindo, indo embora. Deixaremos rastros. Nossa aparência, nada elegante, será mascarada. Peles sobre peles, escritas sobre escritas. Fizemos num exercício de nós mesmos, um escrita criança, exercício aventureiro de criança-nos com as palavras que nos ajudam a dizer outras coisas sobre o que supomos estarmos sendo. Por isso, não seguiremos as convenções, estaremos atentos, porque importamos com os lampejos das crianças que nos antecederam e as crianças que nunca fomos e nunca seremos. O artigo em questão só tem por objetivo provocar o desconforto, o riso e, quem sabe, colocar em cena imagens que nos rondam e nos fazem cócegas em nossa ignorância ao pensarmos a criança para além dos dispositivos da infância. Nosso artigo, se provocar o riso desconfortante, cumpriu sua função. As crianças riem, rindo fazem da vida, um possível, pois

O riso mostra a realidade a partir de um outro ponto de vista.... O riso questiona os hábitos e os lugares comuns da linguagem. (...) Os personagens que encarnam o riso possuem uma subjetividade descentrada. São almas sem pátria, formas de consciência sempre provisórias, sempre emprestadas, que também sabem encenar sua própria contingência, aniquilar sua própria satisfação e corrigir ironicamente suas falsas pretensões de universalidade. Mas sempre são um pouco mais livres que os demais. Ainda que o preço da liberdade seja a impossibilidade de se estabelecerem de qualquer maneira, a impossibilidade de encontrarem satisfação em qualquer identidade. (LARROSA, 2017, 223 a 226)

Mais um aviso: não somos as únicas personagens desse espetáculo que se monta na fragilidade de lençóis que são amarrados numa árvore qualquer, no fundo dos quintais, para pôr em cena o espetáculo do dia. Adoramos as más companhias e o que elas possuem de profanas e demoníacas. Por isso, aqui, nossa intenção é apenas profanar, deslocar e se possível brincar com palavras e com o que somos. O artigo em questão, até aqui, nos permitiu apenas equilibrarmos e ensaiarmos alguns passos na corda bamba! Coisa de crianças peraltas em suas experiências com o corpo, o tempo e o espaço! Dona Nega e suas crianças fujonas estão chegando neste texto. Somos autoras deste conto, mas, também, poderíamos ter catado de uma criança qualquer, oferecendo uma deliciosa guloseima, um passeio no parque e ou, um caminho desconhecido para suas aventuras. As histórias de crianças são feitas de açúcar e sua função é “(...) estabelecer o laço, a beleza, o



ornamento, é quebrar os egoísmos, é oferecer seus entusiasmos aí mesmo onde as pessoas se contentam em discutir as trocas. (...) Ela está aí para lembrar tudo o que cada um enterrou e esqueceu, e que resta perdido sob si mesmo” (SCHÉRER & HOCQUENGHEM, 2016, p. 224).

O conto, que segue abaixo, *As crianças fujonas que sonhavam em ser raptadas*, imagens de criança e da infância por nós já conhecida e não esquecida, aqui, neste contexto, não busca produzir a conclusão deste artigo. Aqui ele é só um pretexto para darmos continuidade nessa conversa (des)viada e (des)avisada. Acreditamos que esse conto ainda não compõe as narrativas já traduzidas dos clássicos da literatura produzidas, publicadas e narradas cotidianamente com intuito de também produzir a infância institucionalizada. Ou será que já!?!... O conto, que aqui comparece como alegoria, funcionará como elemento desencadeador de palavras e práticas combatentes de crianças fujonas que sonhavam em ser raptadas. René Schérer e Guy Hocquenghem, em notas de rodapé, também escrevem o conto abaixo. Com a força do vento e encantados pelo assobio de Saci-Pererê, nos colocamos em contação, buscando assim praticar uma política de narração. Pois “o vivido só se torna recordação na lei da narração que é, por sua vez, a lei de sua leitura. E aí se torna outra vez vivo, aberto, produtivo. A memória que lê e que conta é a memória em que era uma vez converte-se em começa!” (LARROSA, 2017, p.83)

As crianças fujonas que sonhavam em serem raptadas

Era uma vez uma mulher, já viúva, que vivia como podia com seus quatro filhos num arremedo de casa, num bairro periférico, de uma cidade qualquer. Essa mulher, conhecida como Dona Nega, trabalhava em tudo que aparecia para manter a vida e alegria de suas crianças. Dona Nega não tinha medo do mundo do trabalho e se alegrava quando recebia ajuda de pessoas caridosas que atravessavam a sua vida e a de suas crianças. Dona Nega era uma excelente contadora e inventora de histórias. As histórias nunca tinham fim. Era sempre um deixar para depois e um começar de novo. E quando repetia a história, esta, já não era a mesma. Histórias de todos os tipos (de fadas, de assombração, fábulas, religiosas e outras tantas) ao redor do fogão a lenha, abria e fechava o dia daquela família, tornando aquela prática como algo familiar¹¹.

¹¹ Para Amaral (2016), Schérer e Hocquenghem conferem sentidos diferentes para aquilo que, se não prestarmos atenção, parecem dizer a mesma coisa. “Em francês, *familier/familière* (familiar) é o adjetivo substantivo que se refere, de forma mais ampla, a ideia de uma ligação com a família, no sentido da espontaneidade, do estar à vontade, em família, isto é, como oposição ao estranho/estrangeiro... tudo aquilo que é costumeiro, habitual, reconhecível, de apreensão imediata. (...) *Familiar*: tem acepção restritiva, designando aquilo que concerne à família, exclusivamente, tanto para qualificar o poder familiar, o laço familiar, a vida familiar etc. Schérer indica aí uma abertura “hospitaleira” do familiar ao exterior, ao fora da família, ao estranho, ao estrangeiro, operando como palavra que, mesmo referida à



Sem alarde um fato novo acontece naquela casa feita de histórias. A barriga de Dona Nega começa a crescer. Diziam para as suas crianças e para as crianças que circulavam pela casa de Dona Nega que ela havia comido a sementinha que faz crescer bebê. Assim, aquelas crianças que ainda acreditavam nos adultos e que a eles contavam as mais diferentes histórias, morriam de medo de engolir sementes de laranja, mexerica, jabuticabas e outras frutas que guardavam o que parecia ser o segredo das barrigas que acolhem vida¹² das crianças em seus nascimentos.

Um certo dia, o caçulinha de Dona Nega ficou todo feliz pois também teria uma penca de bebês em sua barriga, pois engoliu um monte de sementes de jabuticaba. Aí, Dona Nega, cheia de magia, explicou para seu filho que não são todos os corpos que podem trazer um bebê na barriga. Ali aconteceu a primeira desilusão para aquela criança. Vendo a cara de decepção daquela criança, rapidamente inventaram uma outra história. Já não era mais a sementinha e sim a cegonha que trazia os bebês. A barriga que só fazia por crescer era só um alerta do corpo para esperar a cegonha que brevemente iria chegar. De vez em quando, se confirmava, nas conversas entre adultos que ainda pensam que as crianças são tolas, que a cegonha estava chegando e traria como presente mais uma criança para aquele lar. Naquela época se aguardava apenas um bebê, um nascimento, uma novidade, não se sabia, anterior a sua chegada, se seria menina, nem menino. Era apenas um bebê.

A casa daquela mulher era composta por quatro crianças. Os mais velhos eram filhos do falecido marido de Dona Nega e, os outros dois, os mais novos... esses ainda não sabiam quem eram os seus pais. Poderiam ser vários pais e nenhum ao mesmo tempo. Não precisavam de um pai. Como os mais velhos já não possuíam a presença do pai e dele não se tinham lembranças, viviam a vida sem a presença de um homem adulto para ser chamado de Pai. Tios e tias como protetores¹³,

família, transaciona sua abertura ao mundo ao fazer de si mesma contingência (familiar não é aquele/aquilo que a família engendra, e sim o que, de fora dela, a transaciona, a desloca de si mesma: trata-se da zona de indiscernibilidade da qual transitam o amigo, o protetor, o amante, o sedutor, o raptor etc., numa tensão afirmativa com o fora, em oposição ao enclausuramento reativo do familiar". (AMARAL, 2016, p.145)

¹² Schérer e Hocquenghem (2016) sabem de forma debochada produzir desconfortos nas histórias da carochinha e nas histórias de fazer boi dormir. Não satisfeitos com as histórias de sementinhas e da cegonha, dizem: "A criança ou o câncer só podem se instar no corpo da mãe deslizando através dele, promovendo uma anarquia provisória, de uma suspensão das leis que permitem a manutenção do organismo vivo enquanto totalidade. A criança é um parasita, não um fruto. Ela desvia o alimento que, aliás, a própria mãe já desvia dos animais e das plantas. Pois de modo algum se pode considerar que aquilo que o embrião rouba do corpo da mamãe pertença mais a ele que ao assado que ela comeu no almoço!(...) Coalização de moléculas instaladas à força por um golpe de Estado anarquista no interior de alguém que não pode evita-lo. Mas se, no momento do parto, a criança sai de lá como um diabo que escapava à caixa, isso mostra que ela só entrou ali por arrombamento, e que só uma obstinada constrição de todos os reflexos orgânicos da mãe a permite sobreviver às permanentes tentativas de expulsá-la. No indivíduo, só o aleatório é primeiro. A criança não é filha de sua mãe, ninguém a concebe, ela cresce como um ladrão ou um cancro e é como um enfeitado que ela vem ao mundo". (p. 278-279)

¹³ Schérer e Hocquenghem (2016), discorrendo sobre a novela infantil, destacam que: "(...) o que chama atenção em todas estas novelas é o fascínio que o protetor exerce tanto para a infância quanto para as famílias. Pouco importa que



sobravam. Aquelas crianças não sabiam que, para ser criança, fazia-se necessário ter um pai! Essa não era uma questão para aquelas crianças. Elas tinham mãe, muitos tios e tias e, para aquelas crianças, o mundo delas e de muitas outras crianças daquele lugar, era assim, um mundo feito só de mãe.

Todo adulto, com o sorriso de autorização de Dona Nega, virava tio e tia. O sorriso era o sinal de autorização, sem seu sorriso autorizativo, não possuíam permissão a nenhuma intimidade¹⁴. Intimidade, como sentar no colo, aceitar convite de passeios no rio, e até dormir fora de casa. Mas que não se descuidassem e que não deixassem ninguém tocar em algumas partes de seus corpos de forma estranha! As crianças nunca souberam diferenciar esse toque. Gostavam de tocar e serem tocados. Sabiam também que se acompanhassem estranhos, no retorno para casa, seriam castigados. Morriam de medo dos castigos¹⁵. Os castigos e promessas de surras eram o que fazia aquelas crianças serem tão arredias, mas, não bobas. Isso aquelas crianças não eram.

Um certo dia, as crianças de Dona Nega foram surpreendidas com a chegada de um homem e de uma mulher. Gente estranha não fazia parte da vizinhança e do ciclo de amizade de Dona Nega. E aquele homem dizia ser o pai¹⁶ de duas daquelas crianças. Trouxeram presentes e diziam que as duas crianças, que até aquele momento eram filhos apenas de mãe, tinham outros irmãozinhos e que iriam adorar viver na casa daquele homem que, a partir daquele momento, se intitulou como pai e, sua acompanhante, de madrasta.

ele corrompa ou reconduza, pois, do ponto de vista em que nos colocamos, todo protetor ocupa necessariamente o lugar de corruptor. (...) Contrapeso ao confinamento familiar, esta intervenção do protetor desinfantiliza a criança, não apenas por colocar em movimento suas paixões sufocadas, mas também porque faz a criança lidar com o mundo real. Faz lidar com o adulto e com aquele que entre nós é o grande segredo do pai de família, o dinheiro, fonte à qual a criança jamais tem acesso, e cuja indisponibilidade é uma das primeiras razões de sua dependência. Tamanho interdito pesa sobre o dinheiro porque, ao negá-lo a criança, tornamo-la inacessível aos outros, no limite, o dinheiro é sempre a mola mediante a qual sua família a mantém. (p.188)

¹⁴ Schérer e Hocquenghem (2016) confirmam a nossa ideia de que a criança como presença e perturbação. “A criança vive e se exprime pelo corpo. Corpo, superfície de abraços e de conjunções, das quais a presença entre homens é, como aquela do objeto estético, reorganizadora do campo perceptivo. E também perturbadora, porque ela evoca a supressão da distância entre os corpos. A rigor, não se observa nem se dialoga com uma criança: ela se pega, ela toca, ela trepa, ela percorre”. (p. 221)

¹⁵ “A cada etapa de seus tempos de infância, a cada hora de seu dia ou quase isso, a criança só pode se definir a partir de uma certo campo cuja estrutura é, para ela, mais ou menos flexível. Mas sempre imperativa, determinante, espacial ou temporalmente. Ela deve estar situada em algum lugar. Do ponto de vista da própria criança, isso quer dizer que a primeira coisa a ser ser-lhe inculcada – pressuposto incontestável da vida infantil – é o dever de estar sempre em condições de dizer por onde anda e onde esteve, de dar satisfações sobre o que se faça ou tenha feito. É verdade que isso não se manifesta uniformemente como uma coação exterior, como uma demanda explícita do adulto. Mas esta condição máxima da vida infantil está sempre presente, tanto mais forte quanto se misture a algum tipo de chantagem”. (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, p.203)

¹⁶ “Forjando a criança na perspectiva teórica da simbolização da relação entre homem e mulher, enquanto representante do falo inacessível, organizador de todo desejo, a psicanálise contemporânea tudo compreende e tudo integra, remetendo tudo sempre ao mesmo. Tanto quanto do falo, o casal não pode desvencilhar da criança. E ainda que realmente consiga fazê-lo, tanto mais a tem presente.” (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, p.185)



Quando aquelas crianças ouviram a palavra madrasta, logo se enroscaram no vestido de sua mãe. O medo era tanto que só conseguiam pensar nas inúmeras madrastas que ganhavam vida nas histórias de Dona Nega. Morriam de medo das madrastas. Também não era para menos! As madrastas¹⁷ das histórias de Dona Nega eram más, maltratavam, escravizavam e até matavam as crianças.

Entre sorvetes, balas e brinquedos, as duas crianças menores começaram a passear na casa daqueles que se intitularam por pai e madrasta. Iam e voltavam. Nas idas a casa do pai eram tratados como príncipe e princesa. Tudo era lindo, delicioso e divertido. Um certo dia, ao irem visitar a casa do pai e da madrasta, não mais retornaram para junto de Dona Nega e dos irmãozinhos que conheciam até então. Foram enganados. Os adultos sabiam! Só esqueceram de comunicar as crianças que o tempo da diversão iria terminar. Como que em um sequestro¹⁸, as duas crianças foram proibidas de voltar durante muito tempo na casa de sua mãe. Ficaram tempos sem receber o carinho de Dona Nega, de ouvir suas histórias, de ver e de se divertir com seus irmãos. Intimidadas com aquela vida, sem direito de escolha, entre choros, medos, saudades e tristezas, as crianças ficaram sabendo que, em função do nascimento da irmãzinha, iriam visitar Dona Nega.

As crianças, todos os dias, pensavam em fugir daquela casa. Mas não desejam ficar à deriva. Estavam bem acostumadas com a guarda dos adultos. Temiam o desconhecido e o não familiar. Viviam arquitetando planos e modos de fugir¹⁹ daquela casa e das pessoas que ali moravam. Mas sempre voltavam atrás. Ainda tinham medo! Medo de tudo! De adultos, de bichos e fantasmas. Aprenderam, através das histórias de sua mãe, a ter medo dos ciganos, dos artistas de circo e das pessoas que viviam nas ruas da cidade. Essas pessoas faziam parte das personagens cotidianas que deveriam evitar e até delas fugir. As histórias que pareciam pertencer a Dona Nega haviam ensinado muitas coisas às suas crianças, inclusive do perigo que ronda os andarilhos, as pessoas sem nome, sem documento e devoradores de criancinhas. Todos os estranhos para aquelas crianças poderiam

¹⁷ A palavra madrasta talvez assustasse as crianças de Dona Nega pelo simples fato de ter produzido semelhança sonora com a palavra: pederasta. E o pederasta? Isso é para uma outra história.

¹⁸ “No sequestro, ao contrário do rapto, a criança não é roubada por si mesma, pelo que vale como ser ou objeto de desejo. O sequestro é uma relação entre adultos, em que a criança se apresenta apenas como objeto supostamente precioso para seus pais, único alvo de barganha. (...) o sequestro assume geralmente a forma de um imposto sobre a riqueza. Uma vez que as crianças pobres são constitutivamente submetidos ao rapto, não há criança pobre que tenha razoavelmente a chance de ser sequestrada: quando ocorre, trata-se de um erro”. (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, p. 156-157).

¹⁹ Sobre a fuga, Schérer e Hocquenghem faz ruir o que até muito tempo achávamos ser o maior atrevimento de uma criança. Eles dizem então: Vamos mais longe: é por isso que em nossas sociedades – nas quais o confinamento da infância só a incita -, a fuga é tão facilmente aceita e perdoada, solução propícia para tranquilizar as consciências bem pensantes, requintada pelo desacerto de uma maturidade que só teve a capricho chegar cedo demais. Ela consola a imaginação com a ficção de uma criança inteiramente dona de si mesma e de suas aventuras, de uma criança sã, à qual talvez só se tenha dado pouca atenção. (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, p. 154).



ser perigosos e raptadores²⁰ de criancinhas levadas e fujonas. Todos eram motivo de ameaças, incluindo o pai, a madrasta, os novos irmãozinhos e o outro mundo a eles apresentados.

Não queriam viver aquela vida que seu pai, sua madrasta e sua mãe lhes impunham. Queriam sumir, desaparecer, fugir daquela casa e, no movimento de fuga, encontrar o pote de ouro das histórias de Dona Nega, que ficava ali, logo ali, debaixo do arco-íris. Com o pote de ouro, ou sem ele, só conseguiam desejar o aconchego de Dona Nega. Lembraram da História de Joãozinho e Maria, mas sabiam que os pedacinhos de pão iriam ser comidos pelos passarinhos e ou outros bichinhos. Joãozinho e Maria já haviam narrado a história do abandono e o perigo das bruxas com suas casas de doces. Pensaram em um barbante marcando o caminho, como bem se conta na história de Minotauro. Mas também sabiam que esse não era um bom plano. Não sabiam o que fazer, mas sabiam que precisariam cartografar a cidade.

No dia combinado, lá foram eles levados à casa de Dona Nega. As crianças, executando o plano, grudaram seus olhos arregalados na janela do ônibus e seus olhos curiosos fotografaram e filmaram fragmentos da cidade. Sentiam a cidade e buscavam compreender seus movimentos. Ao chegarem na casa de Dona Nega, entre abraços, carinhos e com o sorriso no rosto, por conhecer a irmãzinha que acabara de nascer, não conseguiam esquecer que retornariam à casa do pai no dia seguinte. Sabiam também que não tinham previsão de voltar à casa de Dona Nega. O nascimento daquela criança pouca emoção produziu nas crianças em visita na casa de sua mãe.

Ao chegarem da casa de Dona Nega, na escola, nos intervalos da escola, fizeram alguns rabiscos que funcionariam como mapa. Fizeram o caminho do ônibus e perceberam que eles poderiam seguir o rio ou os trilhos do trem de ferro, não teria erro. Sabiam chegar na escola sozinhos e, da escola, bem ao longe, se podia ver o rio da cidade e os trilhos do trem de ferro. Sabiam também o nome do bairro onde moravam com seu pai e a madrasta e o nome do bairro onde morava sua mãe. Espertas que nem só, mostraram o mapa para a professora e pediram a ela para confirmar se tinham feito um bom trabalho. A professora, sem nada saber, logo foi incluindo outros dados no mapa. O mapa, com seus riscos e rabiscos, ficou perfeito. As professores podem muito na

²⁰ Sobre o rapto, Schérer e Hocquenghem tem muito a nos dizer. Acompanhando tanto ao adulto como a criança – em potência a ponto de emergir a doença infantil -, a ideia de rapto sempre quebra a segurança cotidiana, serpenteando sobre a segurança do lar... Pois o rapto, para a criança, é tão temido como desejado; ele é almejado justamente pelo temor que inspira, pela invasão que implica à presença rotineira, pela irrupção simultânea do estranho e no estranho. (...) O rapto é rápido, preciso; ele se situa aquém ou além, mas em todo caso a margem dessa rede de semi consentimentos e reticências que é o pão nosso de cada dia das crianças de família, às quais nem mesmo as fugas solitárias permite escapar. (...) Mesmo quando o rapto não é inaugural, parte-se sempre em direção a encontros extraordinários, escandalosos aos olhos das famílias e dos que nela permanecem confinados. Pois o rapto é a luz da vagabundagem e não o contrário. (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, p. 153-54)



vida de uma criança. Ainda bem que elas não sabem disso! Detalhe importante dessa história: naquele tempo, as crianças podiam ir sozinhas para a escola. Feito isso, esconderam o mapa dentro de um livro escolar. Se o mapa fosse descoberto, diriam que fazia parte das atividades escolares.

Um certo dia, a madrasta, louca de ciúmes, resolveu surrar a menininha pelo simples fato de a ter encontrado chorando de saudade de sua mãe. Seu corpo ficou marcado e seu irmão não suportou ver a dor de sua irmã. Na hora de dormir, bem baixinho, sussurrou: - se prepare, amanhã não iremos para a escola. Fugiremos. Iremos para a casa de nossa mãe. Iremos seguir o rio e chegaremos perto da casa de nossa mãe. Fizeram suas bolsinhas de escola e se desviaram rumo ao rio e os trilhos do trem de ferro que atravessava, como ponte, toda a cidade.

Caminharam horas e horas até que avistaram um morro que muito bem conheciam. Lá chegando, encontraram sua mãe e puderam contar todas as histórias que haviam vivido na casa de seu pai e de sua madrasta. Dona Nega, indignada, disse: “Vocês só retornarão na casa de seu pai se me matarem”. Logo, a polícia chegou e, ao ver o corpo da criança todo marcado pela surra - vivendo todos os trâmites das instituições dos adultos - aquelas crianças voltaram a se juntar e serem acalentadas ao calor do fogão à lenha com Dona Nega e seus irmãos.

As histórias de Dona Nega cresciam para todos os lados e direções e, de vez em quando, se percebia que aquele acontecimento também havia virado mais uma história na coleção das histórias contadas. Na história de Dona Nega, as suas crianças menores haviam virado heróis que conseguiram fugir da casa assombrada dos gigantes malvados que batiam em crianças choronas.

E, entre histórias dentro de histórias, as crianças viveram a vida que se podia viver. Descobriram que na fuga há sempre o retorno para o familiar. E, com isso, não quiseram mais fugir. Sonhavam agora com o rapto²¹. Como não viveram essa aventura, passaram a sonhar em ser abduzidos pelos ETs. Marte seria a terra prometida. Lugar de possibilidades para o encontro com o

²¹ “A criança foi feita para ser raptada, não há dúvida. Sua pequenez, sua fragilidade, sua formosura convidam a isso. Do que ninguém dúvida, a começar por ela mesma. ... No pano de fundo dos sonhos infantis, cintila sempre a ideia fascinante do rapto. (...) a ideia de rapto sempre quebra a segurança cotidiana, serpenteando sobre a segurança do lar... Pois o rapto, para a criança, é tão temido como desejado; ele é almejado justamente pelo temor que inspira, pela invasão que implica à presença rotineira, pela irrupção simultânea do estranho e no estranho. (...) O rapto é rápido, preciso; ele se situa aquém ou além, mas em todo caso a margem dessa rede de semi consentimentos e reticências que é o pão nosso de cada dia das crianças de família, às quais nem mesmo as fugas solitárias permite escapar.(...) Mesmo quando o rapto não é inaugural, parte-se sempre em direção a encontros extraordinários, escandalosos aos olhos das famílias e dos que nela permanecem confinados. Pois o rapto é a luz da vagabundagem e não o contrário.” (SCHÉLER e HOCQUENGHEM, 2016, p. 152-154)



estranho, o estrangeiro²². De vez em quando, as duas crianças da história fixavam o olhar para o céu. Aquelas crianças buscavam a nave espacial que iria apresentar um novo mundo para elas, onde o familiar não mais existisse. Eram criativos e sonhavam em ter seus corpos abertos e de funcionarem com barriga de ETs. A monstruosidade era um convite.

Essa história se conta por aí. Muita gente sabe dessa história. E hoje, depois de muito tempo, se ouve de outras crianças, quando contrariadas: “vou fugir! Vou fugir! Vou fugir como os meninos fujões de Dona Nega”. Só não seremos bobas como eles foram. Fugiremos com o primeiro vagabundo que passar pelo caminho e para um lugar desconhecido. Vocês nunca mais saberão da gente. Serão torturados²³ diariamente só de imaginar o que poderá ter nos acontecido.

Essas crianças, através das histórias recebidas, fizeram histórias e, de certa forma, continuam a fabular suas vidas e de muitas outras crianças que são tramadas nessa e em outras histórias. Quanto ao pai e a madrasta da história, esses ninguém sabe e ninguém viu e, se não ficou satisfeito, se quiser que conte outra.

Para não findar, fiaremos mais um pouco

Ao longo deste artigo, buscamos nos aproximar de palavras repetidas e que, de tão repetidas nas narrativas oficiais, produzem confortáveis efeitos nos quadros que pintamos sobre o que supomos saber da “criança” e “infância”. Nos momentos feitos de silêncios, leituras, conversas e de perguntas que antecederam essa escrita, nos pareceu que era possível localizar a criança nessas personagens que rondam as nossas vidas na condição de sujeitos localizados num corpo infante e que vivem sobre a guarda do adulto e ou das instituições de sequestros que produziram a infância e que, em nossa obsessão colonizadora pela identidade, fora capturada. Mas essas crianças feitas de identidades-crianças foram se esvanecendo em nossa caminhada nas interlocuções abertas com os autores que conosco fiaram a conversa até aqui. A criança (des)viada e (des)avisadas foram aparecendo nos rastros de nossas leituras e conversas.

²² “(...) os investimentos da criança em seu sonho de rapto – no que já desviamos da ideia de fantasia – se dirigem sempre a gente forasteira, errante... Esta errância é exterior ao sistema: a criança não vai à procura de um pai ou de uma mãe que ele tenha perdido; ele vai.” (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, p. 152-154)

²³ “(...) o rapto não implica necessariamente a morte – em princípio a evita, se a subtração da criança em si mesma é o que importa, ela jamais deixa de tramar a ameaça e a perversão... Mesmo quando o raptador é abertamente suspeito de ser um assassino em potencial, o mais repugnante nele, o que o transforma no perigo maior, é o fato de que ele se interpõe como obstáculo no lento trajeto educativo que deve formar a criança imagem e semelhança de seus pais. Para este vagaroso caminho, que repousa nas diferentes etapas de amadurecimento, no crescimento e na vigilância constante, O rapto é o mal irreparável, porque destrói tudo num piscar de olhos. O rapto é a porta aberta para o desconhecido, o monstruoso, o inumano.” (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016, p. 158)



A infância que conhecemos, e o que até aqui se falou sobre essa invenção, não passa de dispositivos disciplinares e de controle que buscam formatar a vida na lógica da mesmidade conformada nos enquadramentos que conhecemos e desejamos para pensar: identidade, raça, povo, nação, território, gênero e sexualidade. Fomos percebendo que, ao falar desse sujeito da identidade-criança, por nós conhecido, chegamos também ao que nos é familiar. Essa invenção: identidade-criança e infância fala de tudo e de nada ao mesmo tempo, se assemelhando e muito ao que também dizemos e desejamos para a diversidade. Na medida em que o texto estava sendo tecido, fomos percebendo que a palavra criança pode ter outros sentidos para além daqueles que já estamos habituados nas redes de proteção e guarda. Fazendo a palavra tremer, fomos compreendendo que essa palavra pode assumir sentidos como: nascimento, novidade, alteridade e diferença. Assim, a criança não necessariamente precisa estar localizada no sujeito da identidade-criança que conhecemos, ainda que saibamos que seja nessa potência do existir que as certezas de muitos adultos se fazem ruir. A novidade, o nascimento, a alteridade, a diferença não é propriedade inata desse sujeito localizado no dispositivo da infância. Ela comparece como acontecimento em todos nós na medida em que nos permitimos deslocar, vagabundear, frontear e hibridizar.

Aprendemos com os conversantes deste texto que a criança é uma raridade em seu aparecimento e mistério. Não porque elas tenham deixado de nascer, mas pela nossa incapacidade de acolhê-las. Elas não vagueiam por aí, vê-las sozinhas, no fora e ou em bandos de crianças, é razão para espanto e medo. As identidades-crianças estão sempre onde podem ser localizadas: em família, na escola, no clube, *shopping center*, nos livros didáticos, nas novelas infantis e nas histórias de fazer “boi dormir”. Mas não foi com a identidade-criança que aqui nos aproximamos. Foi com a sua raridade e alteridade.

Homi Bhabha (1998) foi uma companhia de extrema importância neste texto. Esse autor nos ajudou a pensar a criança como resistência em sua artistagem fronteira e na sua capacidade híbrida de provocação de desconforto nos saberes colonizadores, nesse caso, saberes adultos e ou adultizados. A criança faz a mascarada, mímica, zomba e ri. As crianças, esses seres que nada sabemos, sabe camuflar para continuar suas viagens nos entre-lugares em que a temporalidade e espaço são pontes que as unem na experiência criança. Ao se deslocarem no entre-lugar dos saberes e poderes colonizadores do adulto, irrompem com suas presenças, já saindo. Ao irromper em sua novidade, faíscas de vida, plano comum, bagunçam as linhas duras que produzem os mapas e as narrativas com os quais contamos algumas histórias sobre nós mesmos e do outro em sua condição de estrangeiridade. Mas a criança, como novidade, não se conforma com a condição de estrangeiro.



O estrangeiro pode ser assimilado e incluído. A criança como raridade, vaga, vagabundeia, vai e, em seus lampejos, com seu brilho, nos faz lembrar de tudo que já esquecemos, matamos e enterramos em nós. Não gostamos que essas crianças se coloquem em movimentos e que cruzem as fronteiras da ordem, da normalidade e moralidade. A guarda armada que alimenta Herodes se encontra bem posicionada nas instituições de sequestros e, mais do que isso, se alimenta da mesmidade para a matança e o impedimento do nascimento da criança. Mas como elas sabem, na mais íntima relação com a vida, passam reboativas e em gargalhadas entre nós.

Belas companhias! Mas, essas companhias não nos foram suficientes para a imagem da criança que aqui nos fizeram cócegas. Foi preciso, fazendo franjas neste texto, contar a história de Dona Nega e suas crianças fujonas que sonhavam em serem raptadas. Com essa história o não dito foi compondo o texto e nos fazendo estranhar o conforto que parece ter as histórias feitas para a identidade-criança. Para nós, ficou parecendo que a história como contada das “crianças fujonas que sonhavam em serem raptadas” fez ruir os dispositivos disciplinares da modernidade que inventam a criança infantilizada. A história aqui contada, sozinha, não cumpre essa tarefa. Foi preciso babelizar. Foi preciso convocar a presença de Schérer e Hocquenghem (2016). Esses autores que conosco escreveram sem saber esse conto, foram presenças de extrema importância. E o que eles nos dizem, de certa maneira, se põe em conversa com Jorge Larrosa, Carlos Skliar e Homi Bhabha. Schérer e Hocquenghem, fragilizam o estatuto do familiar quando nos dizem que essa instituição se abre de forma hospitaleira à presença do estrangeiro, do que vem de fora. A tudo, o familiar busca incluir, assimilar, traduzir. Na condição de estrangeiro transitam-se muitos de nós: o amigo, o professor, o empregado, o sedutor, o amante, o raptador, os primos, amiguinhos e namoradinhos. O estrangeiro seria a ponte que une o dentro e o fora e que nos apresenta o mundo. Com esses dois autores, Schérer e Hocquenghem (2016, p.279), aprendemos que a criança não pertence a ninguém. Pois, como nos dizem esses autores, “no indivíduo, só o aleatório é primeiro. A criança não é filha de sua mãe, ninguém a concebe, ela cresce como um ladrão ou um cancro e é como um enjeitado que ela vem ao mundo”. Se as crianças, que até pouco tempo achávamos que eram propriedades de Dona Nega, soubessem desse fragmento, que o nascimento de uma criança é o que o corpo expulsa, talvez teriam dito um não a tudo isso, principalmente do desejo conformista de fuga.

Nietzsche (2014) pede passagem nessa aventura com a criança e o aparecimento da criança encontra com ele uma de suas mais vívidas elaborações. São três as transformações que permitem sua chegada: o espírito se converte em camelo, o camelo se torna leão e, por fim, o leão se transmuta em criança. O espírito, segundo o filósofo, é uma força na qual habita a reverência e, por



isso, ele tende a ajoelhar-se. Ao se colocar de joelhos, recebe sobre si um carregamento, ou seja, uma carga para ser transportada pelo deserto. Dessa maneira, está feita a primeira transformação: o camelo emerge tomando enquanto virtude o carregamento dos valores estabelecidos. No deserto, o camelo transforma-se em leão, dirigindo a crítica aos valores pesados e se voltando contra o último dos deuses, tornando-o seu inimigo. Ao "tu deves", ordem vinda de cima – e obedecida pelo camelo –, o leão responde "eu quero". O felino reivindica para si a liberdade de criar novos valores. Porém, enquanto animal predador e ladrão é, ainda, incapaz de criar. Pertence ao leão transmutar-se em criança, ou seja, força da inocência, da leveza, do esquecimento, do recomeço, do jogo e da roda que gira em torno de si mesma. Nietzsche toma a criança como força de criação, como potência da leveza e da dança, que passa a existir apenas a partir da ausência ou destruição do peso carregador do camelo e do impulso destrutivo do leão. Há qualquer coisa de adulta no camelo e seu gosto pelo peso, bem como no espírito combativo e conflitivo do leão. A criança, por sua vez, só pode criar pois é leve o suficiente para dançar. Há aqui uma inversão da suposta cronologia infantil: o camelo (o carregador) e o leão (o destruidor) vêm primeiro, já a criança nasce depois, ela não está dada por uma expulsão do útero, mas por uma conjunção de forças que é criada e é criadora.

Com essa história, também fomos compreendendo que a ausência da figura paterna pode dizer muito pouco! O falo estava em todas as partes. Aquelas crianças viviam sem a presença da figura paterna, mas não sem o falo. O falo organizava a vida entre cegonhas e sementinhas. Não ter a figura paterna naquela casa não queria dizer que ele não estivesse lá através das narrativas ali contadas e na presença dos estrangeiros que por ali passavam. O falo sempre comparecia na promessa dos castigos de Dona Nega e nas chantagens de morte, perversão, rapto e sequestro.

Figuras de vagabundos compareciam nas narrativas de Dona Nega. Por isso, dizer o que faziam, por onde andavam e com quem estavam era uma obrigação. Os filhos de Dona Nega não corriam o risco de serem sequestrados. Não tinha nada para oferecer. Agora o rapto era algo que rondava a cabeça de Dona Nega. O rapto, no qual a criança vale o que é, poderia corromper suas expectativas e projetos de futuro para aquelas crianças. O rapto se apresenta como escandaloso, perigoso e monstruoso e, por isso, fascina tanto as crianças e assombra os adultos. Schérer e Hocquenghem (2016, p.154) nos alertam para o fato de que “o rapto é a luz da vagabundagem e não o contrário”.

As narrativas de Dona Nega ensinaram muitas coisas para a identidade-criança de seus filhos. As histórias por ela contadas, as mais diversas, apresentavam a fuga como o maior



atrevidimento e ato de coragem que uma criança poderia cometer. Aquelas crianças, o que poderiam fazer: fugir, nada mais do que isso. Amavam o conforto e a proteção do adulto e do familiar. Mas não sabiam eles que a fuga só os aproximaria ainda mais do mundo adulto, de suas chantagens e esquecimentos. A fuga é uma prática sempre perdoada, ela adultiza e nos leva de volta para os lugares e tempos já conhecidos.

Mas não podemos esquecer, nem muito menos tomar por pouco o potencial para outras experiências que podem acontecer no ato da fuga. Na fuga, há deslocamentos, tempos intensidade, (des)territorializações, negociações, encantamentos, deformações e paixões. Na fuga e nas surpresas do caminho, a intensidade de um rapto pode acontecer. A fuga talvez seja um daqueles raros momentos em que podemos ver crianças (des)viadas e (des)avisadas sozinhas por aí. Foi com a potência da fuga, nas estratégias, na mímica e na capacidade de jogar o jogo do outro que aquelas crianças, tecidas com açúcar, com histórias na beira do fogão, começaram a sonhar e desejar o rapto como forma de escapar das mãos do adulto e do familiar. Para sermos crianças só precisamos criá-las! É por isso que as crianças, como sugeriu Deleuze (1997), nunca cessam de inventar novas rotas, traçar caminhos dinâmicos, explorar os meios e criar seus próprios mapas. Não se trata, jamais, de reconduzir tudo ao pai, à mãe ou ao ambiente familiarista, mas de explorar e criar em meios feitos de "qualidades, substâncias, potências e acontecimentos" (DELEUZE, 1997, p. 73). Ou seja, ruas, calçadas, paralelepípedos, barulhos e animais. Quando as crianças de Dona Nega traçam um mapa, elas não estão apenas em busca de um objetivo ou destino, mas, antes, fazendo do próprio movimento seu objeto de criação. Por isso, apenas um convite: crie-se!

Referências

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 6. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: E. 34, 1997. p. 73-79.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Porto Alegre: E&M, 2014.
- SCHÉRER, René & HOCQUENHEN, Guy. Coir, álbum sistemática da infância. Pivo 2. In: SILVA, Eder Amaral e. *A cruzada das crianças: constelações da infância à penumbra*. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2016.
- SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

